

programação da cinubiteca

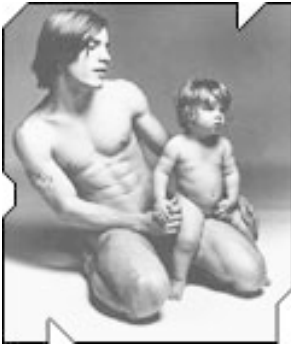
www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

28 | abril | 04

ciclo { cinema experimental }*



flesh

1968 . EUA . 86'

realização

argumento

montagem

Paul Morrissey

intérpretes

Joe Dallesandro

Geraldine Smith

Jackie Curtis

Candy Darling

Patti d'Arbanville

produção

Andy Warhol

> *Flesh*, o primeiro filme que Paul Morrissey fez produzido por Andy Warhol, é sobre a *pessoa*, sobre o *corpo-carne* e sobre *o-tempo-e-o-trabalho*. Sobre o *corpo-pessoa*. Sobre aqueles que são pessoas de uma maneira particular. Particular e elementar - e por isso mítica. Só se é pessoa de uma maneira mítica. O *corpo-mito* de Joe Dallesandro, que interpreta a personagem do prostituto: a prostituição é uma das profissões fundamentais, talvez aquela que resume todas as outras, tormento e beleza.

Arranjar dinheiro é um dos motores das acções humanas. A economia é desejo, trabalho e dinheiro. A economia fundamenta-se no corpo e coloca o imaginário a render - «o culto do corpo é inerente ao género humano», mesmo àqueles que fazem por o desprezar, como diz o velho *dandy* pornógrafo que aparece em *Flesh*, num dos biscates que Joe consegue arranjar. A carne de Joe Dallesandro: a disponibilidade. O corpo entregue a uma função económica. «Vai buscar dinheiro», diz a sua companheira decorando o seu sexo com um laçarote. A carne de Joe Dallesandro é objecto de desejo, peça que põe a funcionar o desejo dos outros e um instrumento de trabalho.

Diferentemente da ironia de Warhol, há em *Flesh* uma atenção às pessoas e às suas acções, isto é, ao tempo das suas acções, beleza deste filme que não tem medo dela. A beleza, *Flesh* vai buscá-la onde menos é procurada: na «realidade dos corpos inocentes», como dizia Pasolini, aqui na realidade de um corpo que se entrega ao que é lido como sendo dos menos inocentes trabalhos, sem um único *comentário* da câmara ou da montagem. Como falar dessa beleza às pessoas com uma voz mítica? A passagem do tempo, a espera, preparar-se, o desprendimento? A conjugalidade, a família, o tempo para o trabalho antes do trabalho e o tempo no trabalho para o trabalho, as conversas que se têm de suportar com os colegas que só se juntam por terem a mesma profissão e por a exercerem no mesmo local, as combinações, saber observar os sinais das pessoas ou levar constantemente com eles em cima, também a vigilância necessária, os conselhos aos novos que começam, etc., etc. (Talvez o sucesso do filme tenha ficado a dever-se a isso: *vinte e quatro horas da vida de um prostituto*, um prostituto a trabalhar, as suas relações de trabalho, a sua vida familiar, as suas amizades.) Esperar, permanecer, prolongar, interromper, preparar-se para qualquer coisa, não querer fazer, aborrecer-se com o que se está a fazer. O que é que sabem disso todos aqueles que preparam o

corpo para a cerimónia - missa, baile, aula, praia, etc. -, todos aqueles que se preparam para ser e parecer reservados, festivos, dados ao respeito, com gosto, etc.? O que é que sabem disso todos aqueles que preparam o corpo para a cerimónia e encontram correspondência, seja ela garantida pelo palco, seja pelos que, elementos da cerimónia, são sensíveis aos mesmos sinais, anseiam por eles? E quanta justificação para isso só para impedir que se veja isso. É preciso uma voz quase mítica para chegar às pessoas e entregar-lhes o sentido, a economia do que vivem. Não é só mandar e obedecer - quer-se mandar e quer-se obedecer, quer-se mandar e ser obedecido, quer-se mandar sem voz, fazendo trejeitos, e depois obedece-se a trejeitos por apenas se querer muito obedecer, porque há sempre quem esteja à espera de um trejeito para obedecer. E talvez a ignorância não seja o caminho, embora «a educação deprima as pessoas», como se diz em *Flesh*.

Georges Cukor, o cineasta de Hollywood, homem de cerimónias mais representadas, menos literais (*A Star is Born, My Fair Lady, etc.*) - só por isso transcrevemos as suas palavras - também viu em *Flesh* (e em *Trash*) algo disso, algo da cerimónia literal: «...He makes a marvelous kind of world, and a marvelous kind of mischief, holding nothing back and just watching it happen. (...) Nobody has done anything like it. The selection of people, the casting, is absolutely brilliant and impertinent. The life they see, the gutter they see, or the world they see is so funny and agonizing, and they see it so vividly, with such humor...such original humor. I'm lost in admiration. (...) And their performances are brilliant. Joe Dallesandro does some enormously difficult things—walking around in the nude in a completely unselfconscious way, that scene when he talks to the baby in *Flesh* (...) Nobody has any kind of guilt in these pictures. None of the attitudes are conventional—you never see a tear—that's extremely refreshing! I don't like sordid things, but these pictures I luxuriate in. They're so bold and undiluted and really new.»

As falhas do material ficam no filme e acrescentam-lhe ainda uma outra força: montagem aos saltos (não havia mesa de montagem); ausência de som na cena de Dallesandro com o bebé (tinha deixado de funcionar). Não é porque isso não interessa, é porque veio, pelo resultado, a interessar. <

*{ Programação da responsabilidade de Edmundo Cordeiro }

exibição

28 | abril | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}